REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 763

10 DE MARÇO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi o sr. Francisco Maria da Cunha, servindo de presidente, quem assumiu o triste encargo de participar á camara dos pares, a inesperada noticia da morte do Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, illustre chefe do partido regenerador.

Depois d'um breve discurso enaltecendo as qualidades do fallecido como estadista, homem de sciencia e de letras, parlamentar, professor e excellente chefe de familia, propoz um voto de sentimento, que foi approvado por acclamação.

Falaram em seguida o sr. ministro da guerra em nome do governo e o sr. Telles de Vasconcellos e Hintze Ribeiro, o qual, depois de agradecer aos oradores que o precederam as palavras com que honraram a memoria do fallecido chefe do partido regenerador, fez, profundamente commovido, o elogio funebre do honrado luctador, pondo em toda a luz a grandeza da sua lealdade e a extrema bondade de seu coração.

Encerrou-se a sessão depois d'um breve discurso do sr. Laranjo, que falou em nome da maioria.

Na manhã de sexta feira, 2 de março, Antonio de Serpa Pimentel, doente, havia dias, com um ataque de grippe, sentira-se repentinamente incommodado e fallecêra sem agonia.

Na tarde d'esse mesmo dia lhe foi prestada a homenagem funebre a que nos referimos. Prestou-lh'a a camara dos deputados em sua primeira sessão, no dia seguinte, falando em nome da maioria o sr. Ressano Garcia, o sr. Alpoim em nome do governo e o sr. João Franco em nome da opposição.

Todos se referiram com viva saudade ás honradas qualidades do velho estadista, que, tendo vivido em lucta constante, dotado com as mais extraordinarias aptidões, vivêra pobre e pobrissimo fallecêra.

Antonio de Serpa Pimentel, filho d'um liberal de 1820, Manuel de Serpa Machado, que foi um dos presidentes do congresso constituinte, nasceu em Coimbra no anno de 1826.

Bacharel em mathematica desde 1846 e lente da Escola Polytechnica desde 1852, entrou na camara pela primeira vez em 1857 e desde logo se revelaram suas excellentes qualidades de parlamentar.

Em março de 1859 foi pela primeira vez chamado aos conselhos da corôa no ministerio organisado pelo Duque da Terceira.

Mais quatro vezes ainda foi honrado com a confiança regia, tendo tomado conta de differentes pastas e demorando-se uma das vezes com a da fazenda pelo espaço de mais de quatro annos, desde 11 de outubro de 1872 até 5 de março de 1877.

Em julho de 1877, depois da morte de Fontes, Antonio de Serpa foi proclamado chefe do partido regenerador. Assignaram o manifesto 156 membros do partido, pares do reino, deputados, antigos governadores civis, etc.

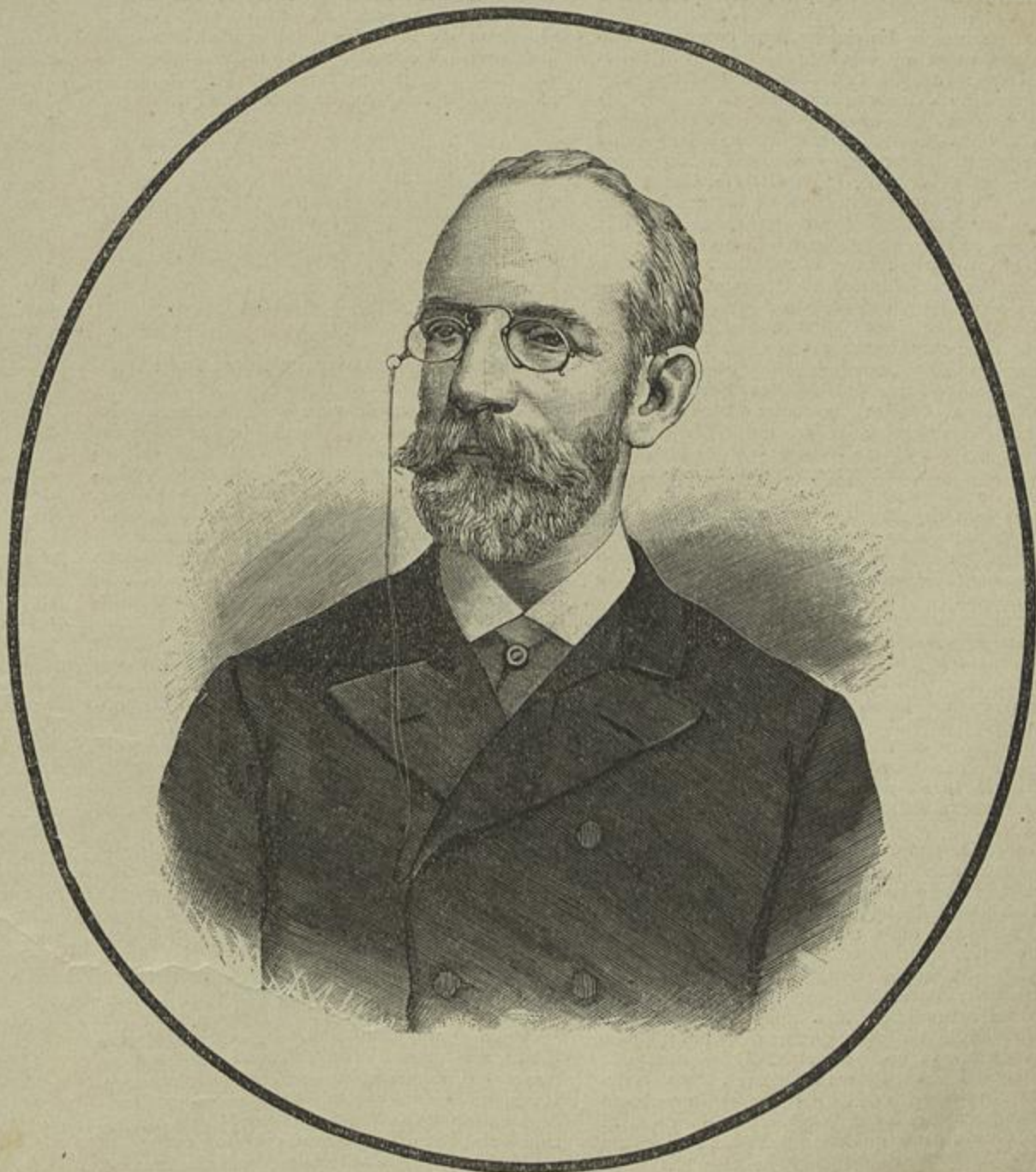
Em 1890, depois da queda do gabinete progressista motivada pelo ultimatum da Inglaterra, Antonio de Serpa Pimentel foi encarregado de formar o ministerio a que presidiu até outubro d'esse anno.

Jornalista, polemista d'alto valor, foi redactor de varios jornaes, sendo d'estes o primeiro em data *O Pharol* (com Latino Coelho 1848-49) e os ultimos a *Gazeta de Portugal* e a *Tarde*.

É longa a lista dos volumes que deixou, alguns simplesmente litterarios, outros d'alta politica, e todos de muito valor.

Antonio de Serpa Pimentel, fraco pela edade e alquebrado pela doença, trabalhou até á ultima hora.

Era dos velhos de velha tempera.

Deixou profundas saudades, que em artigos de jornaes, em discursos nas camaras e no commovido concurso a seu enterro se manifestaram com eloquencia.

CONSELHEIRO ANTONIO DE SERPA PIMENTEL — FALLECIDO EM 2 DO CORRENTE

A morte vai fazendo seu officio e os vivos não podem com ella conformar-se.

Sendo coisa tão natural, e a mais natural de todas e a mais certa, nada no mundo nos causa maior dôr do que ver d'elle desapparecer aquelles a quem laços nos ligam de amizade ou gratidão.

E, emquanto luctam alguns pela conservação da vida de seus irmãos, os homens de sciencia com suas descobertas contra as doenças, almas boas com sua caridade contra a miseria, a ambição d'outros, pontinhos d'honra, leis iniquas, levam para a morte n'um só dia centenas d'homens, o que quer dizer milhares de infelizes criaturas chorando lagrimas de sangue, mães, paes, irmãos, amigos, n'este valle de lagrimas.

Um telegramma do campo de batalha traz-nos noticia succinta d'uns tantos mortos, d'uns tantos feridos, d'uns tantos prisioneiros. Passou-se longe o caso, todos são anonymos para nós.

Mas quantas luctas, mas quantas lagrimas cada um d'esses mortos no campo de batalha, ou dos já em estertor n'um hospital desaconchegado, não vão criar em corações, para sempre, que tinham vida n'um só coração que deixou de bater!

E assim desde ha seculos os homens se combatem brutalmente, como se no mundo já não coubessem todos e este grãosinho de areia, perdido na immensidade e em que só as vaidades são grandes e grandes as ambições, não tivesse logar para os miserrimos microbios.

Assim foi sempre; já por um quasi nada marchava contra a Polonia o exercito de Fortinbras, desde a Noruega. Ia conquistar um pedacinho de terra, que não valia cinco ducados e a Polonia movia em defeza da sua honra os seus exercitos.

— Para minha vergonha, considerava Hamlet, vejo vinte mil homens caminhando para a morte imminente, levados por uma vaidade, uma gloriasinha, indo para o sepulchro como para o leito, combatendo por um campo em que todos se não podem medir e que será cova estreita para cobrir todos os mortos!

D'esse mesmo Fortinbras, que, como exemplo gigante, surge aos olhos de Hamlet nas planicies de Dinamarca, diz Paulo de Saint-Victor, referindo-se ao extraordinario final da tragedia de Shakespeare, que ainda ha poucos mezes vimos tão admiravelmente representado pela companhia de Sarah Bernardt: «Reappareceno final do drama, precedido pelas fanfarras da victoria. Chega com todo o a-pêlo da actividade no mesmo instante em que a dynastia da Dinamarca toda succumbe; tira aos cadaveres reaes corôas vagas e colloca-as sobre a propria cabeça. Não podia Shakespeare dar a seu drama mais energica moralidade nem mais alta que o espectaculo da Acção tomando posse das obras do Sonho, que o da vida retomando seu curso sobre as ruinas da morte.»

Por um campo, que não valia a casca d'um ovo combatiam d'antes os exercitos. Fortinbras era um heroe e como tal lhe coube a corôa da velha dynastia dos Hamlets de Dinamarca. Menor razão de ser tinha a guerra d'elle que a dos inglezes e boers, que pelo menos, teem como razão as minas d'oiro do Transvaal.

Mas que importa isso aos mortos? Mas que bem ha de trazer esse oiro, se for conquistado, aos que na vida nem um só momento mais hão de ter uma alegria, corações enlutados pela morte d'um filho?

Acharam talvez agora os inglezes o caminho da victoria, mas caro lhes ha de sahir. Com quanto gosto não trocaria Lord Roberts a gloria que lhe cabe na campanha, por um só beijo mais do filho que n'ella lhe ficou, atravessado pelas balas do inimigo!

Entretanto continuaremos a ler, descuidados, até por vezes brincando, commentando com facecias ás vezes, as historias tragicas em que a vaidade acautelada de certos homens os outros envolveu.

De mais, estamos longe e as andorinhas que chegaram adivinharam os dias lindos da primavera com que o céo nos abençoa.

Temol-a cá finalmente!

O sol já tem outra côr mais quente, o Tejo um outro azul.

Ao Tejo chegou, exactamente com o bom tempo, o hiate Martimbert, conduzindo a seu bordo os srs. Duques de Orléans.

Que lindas tardes e que manhãs tão lindas o mez de março nos promette! Agora sim, pode visitar-se Lisboa, Cintra e Cascaes. O nosso detestavel máo gosto ainda não conseguiu roubar o cunho portuguez á côr do céo nem á côr do mar! Isso é de esperar que nos fique para sempre em dote.

Estes primeiros dias lindos de primavera parece que entornam nas veias uma nova mocidade, novas esperanças de vida.

Patifa da Primavera, lhe chamou não sei que auctor comico de comedia conhecida. E os velhos, tropegos durante todo um inverno, puzeram-se a dançar no mez de março, e os graves tabelliães abandonaram os cartorios poeirentos pelos jantares no campo com mulheres bonitas.

Dois dias de mocidade por anno não é muito para quem forçosamente já foi novo. É natural.

Mas os proprios rapazes o tempo de agora os embebeda; no concerto esplendido hão de entrar em nova florescencia as almas novas. Que o digam os velhos consultando suas saudades e se teem alegrias de filhos para lhes avivar memorias.

E no entanto os rapazes tambem ás vezes pensam a serio e bom é que então encontrem apoio nos que puderem dar-lh'o a seus desejos.

Fala-se muito em Coimbra na reconstrucção do theatro academico. Alguns estudantes tomaram a peito a execução d'essa obra que deve encontrar nos poderes publicos a mais dedicada protecção. Toda a imprensa se tem manifestado favoravel aos academicos de Coimbra e muitos jornalistas, que frequentaram a universidade, se referiram com enthusiasmo aos tempos do antigo theatro. Parece, felizmente, que tudo vai em bom caminho.

Os estudantes de Lisboa tambem tiveram agora um dia feliz pela homenagem que viram prestada a um dos seus professores mais queridos e respeitados, a um homem illustrissimo da sciencia, o saudoso Sousa Martins.

Na quarta feira, 7, com a assistencia de suas magestades, foi inaugurado, em frente do novo edificio da Escola Medica, no Campo de Sant'Anna, o monumento, construido por subscripção publica e delineado pelo esculptor sr. Aleixo de Queiroz Ribeiro.

Quem paga as suas dividas enriquece. A Sousa Martins não se lhe pagou por completo o que todos lhe deviamos, porque não era possivel satisfazer o credor que a jorros espalhou tantas riquezas, n'alma e coração brotando-lhe como por milagre; mas provou-se a nossa gratidão na homenagem d'esse dia e n'outras mais que se lhe preparam, e a consolação que todas as almas devem sentir são joia preciosa, que como tal devemos guardar eternamente na lembrança.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

Comquanto sua doença, desde ha dias, inquietasse familia e amigos, como o enfermo depois houvesse experimentado algumas melhoras, foi inesperadamente que se soube da morte do illustre chefe do partido regenerador, que em sua casa, na Cova da Moira, expirára, victimado pela influenza, na manhã de sexta-feira, 2 de março.

Antonio de Serpa Pimentel notavel, desde o principio da sua carreira, como jornalista e homem de letras, deixa um nome glorioso entre os estadistas e os parlamentares portuguezes.

Das suas muito notaveis qualidades de espirito e de coração acabam de fazer a apologia seus devotados amigos e até aquelles que, por muitos annos, o tiveram como adversario nas luctas politicas.

Filho de Manuel de Serpa Machado, que foi um dos presidentes do congresso constituinte e decano da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, n'esta cidade nasceu Antonio de Serpa a 20 de novembro de 1825.

Em 1842 assentou praça como aspirante de infanteria e, logo que se formou em mathematica, veio matricular-se no curso de engenharia na Escola do Exercito, curso que não chegou a completar por ter sido nomeado em concurso lente da Escola Polytechnica.

N'esse mesmo anno de 1851 foi, por proposta de Alexandre Herculano, nomeado socio da Academia Real das Sciencias.

Pouco depois começava a sua carreira jornalistica, ora com Latino Coelho escrevendo um pequenino jornal litterario *O Pharol*, ora com Herculano, Corvo e outros na *Opinião*, no *Portuguez* e mais jornaes, em que seus dotes litterarios e de polemista se foram revelando.

Foi pela primeira vez eleito deputado em 1856, sem compromissos politicos, até que em 1858 se declarou abertamente contra as idéas financeiras do governo d'esse tempo, que, passados poucos mezes, pedia a demissão, sendo então Antonio de Serpa convidado pelo novo presidente do conselho, Duque da Terceira, para tomar conta da pasta das obras publicas, cargo que exerceu até 4 de julho de 1860.

Instado por varias vezes para acceitar outras pastas, recusou-se a fazer parte do gabinete Aguiar-Fontes em 1865. A mesma resposta deu ao duque de Saldanha em janeiro de 1870.

Em 1867 foi nomeado conselheiro do Tribunal de Contas.

Em 1872, Fontes Pereira de Mello conseguiu vencer a resistencia que Antonio de Serpa manifestava para voltar a tomar conta de qualquer pasta e entregou-lhe a da fazenda, a qual por elle foi gerida desde 11 de outubro d'esse anno até 5 de março de 1877.

Geriu depois a pasta da fazenda desde 29 de janeiro de 1878 até 1 de junho de 1879 e a dos estrangeiros desde 14 de novembro de 1881 até 24 de outubro de 1883.

Pouco depois de sahir do ministerio foi nomeado commissario extraordinario de Portugal na conferencia de Berlim, onde se tratou da constituição do novo Estado Livre do Congo.

Depois de ter representado varios circulos do paiz em differentes legislaturas, foi nomeado par do reino, logar de que tomou posse em 12 de janeiro de 1872.

Em 21 de janeiro de 1876 foi nomeado conselheiro de estado e em 12 de agosto de 1886 presidente do tribunal de contas.

Em julho de 1887, depois da morte de Fontes Pereira de Mello, o partido regenerador escolheu Antonio de Serpa para seu chefe, por um manifesto que assignaram os nomes mais prestigiosos na politica do partido.

Em 1890, nos tempos difficeis que se seguiram ao *ultimatum* inglez, foi Antonio de Serpa encarregado de formar gabinete, para o qual n'esse mesmo anno, quando da discussão do tratado, pediu a demissão.

Em 1892 foi a Paris tratar do convenio que assignou a 24 de maio com os *comités* inglez, belga, allemão, francez e hollandez.

O trabalho foi enorme e esse, por assim dizer o matou, depois de uma vida constantemente laboriosa. Em 1893 não se achou com forças sufficientes para formar o gabinete, a que entretanto sempre ajudou com seu conselho.

São innumeros os seus artigos litterarios espalhados por muitos jornaes. Uma satyra politica *O sonho* publicado no *Portuguez* e que foi muito applaudida, foi-lhe attribuida geralmente. Era um bom poeta. Deixou alguns livros de valor, comedias, poesias, historia, alta politica.

Foi o sr. Francisco Maria da Cunha, servindo de presidente, quem á camara dos pares, na tarde do mesmo dia 2, participou a triste nova.

Falaram depois d'elle os srs ministro da guerra, Telles de Vasconcellos, Hintze Ribeiro e Frederico Laranjo.

No dia seguinte, na camara dos deputados fizeram o elogio do illustre extincto, além do presidente, que propoz um voto de sentimento, os srs. Ressano Garcia, ministro da justiça e João Franco.

Todos elles, amigos ou adversarios politicos, enalteceram as grandes qualidades do fallecido, fazendo-lhe justiça á altissima intelligencia, actividade no trabalho, extraordinarias e variadissimas aptidões e sobretudo ao caracter probo do que viveu pobrissimo e morreu quasi na miseria.

Ao enterro, em que a familia real se fez representar, concorreram o corpo diplomatico, o governo, representantes de todos os jornaes da capital e d'alguns da provincia, e um grande numero de amigos do fallecido, formando um cortejo imponente.

Pelas ruas estavam formadas as tropas, commandadas pelo general de divisão, sr. Antonio de Campos.

A beira da sepultura orou brilhantemente, em nome do partido regenerador, o sr. João Arroyo, que mais uma vez exaltou os serviços que o illustre finado prestou ao paiz.

Como muito bem disse o sr. Hintze Ribeiro na camara dos pares: «O glorioso extincto deixa da sua vida uma memoria tão querida para todos, que desce ao tumulo sem lhe ficar na terra um inimigo, tanto era a grandeza da sua lealdade e da bondade extrema do seu coração.»

VISTA GERAL DE SALAMANCA

Perto da fronteira portugueza da Beira encontra-se no territorio da nossa visinha Hespanha, situada na margem do poetico Tormes, esta celebrada cidade de Salamanca, capital da provin-

cia de Castella-a-Velha. E' sua principal gloria e brazão para os hespanhoes a universidade, que desde 1239 ainda hoje alli existe. Para nós recorda ella uma das acções travadas durante a guerra peninsular, a dos Arapiles.

Fundado n'esse anno, o importante estabelecimento litterario e scientifico foi nos seus principios apenas, senão exclusivamente, ecclesiastico. Affonso IX alargou o quadro dos estudos e lançou as bases da universidade propriamente dita. Os notaveis privilegios que Fernando III e Affonso X lhe concederam permittiram á Universidade de Salamanca um rapido desenvolvimento, que bastante a celebraram; fundaram-se muitas cadeiras novas sustentadas pelo thesouro real, e em pleno seculo XIV eram citadas como as primeiras universidades do mundo Salamanca, Paris, Bolonha e Oxford.

Foi no seculo XV, não obstante a exaltação religiosa que então reinava em Hespanha, que a universidade de Salamanca attingiu o seu mais alto grau de esplendor. N'ella se ensinava o systema de Copernico, que todas as outras universidades julgavam heretico e contrario ás doutrinas catholicas E, para se avaliar do respeito scientifico que a universidade infundia, basta lembrar que os papas Urbano e Clemente, quando houve o schisma de Avinhão, se submetteram á decisão dos doutores de Salamanca.

A universidade comprehende dois edificios distinctos com os nomes de escola grande e escola pequena. Por cima da entrada principal vêem-se differentes brazões d'armas e medalhões dos reis catholicos que protegeram o estabelecimento. As aulas são distribuidas em volta dos claustros, e em algumas salas se admiram quadros de grande merito executados por artistas dos mais celebres da Hespanha e da Italia. A bibliotheca conta mais de 60.000 volumes.

Justifica-se, pois, plenamente que esta universidade seja o titulo de maior desvanecimento da cidade de que tem o nome.

A batalha de Salamanca pertence, como dissémos á guerra peninsular. Os francezes dão-lhe o nome de batalha dos Arapiles, que é a pequena distancia. Como se sabe, a campanha de 1812 começou pelo cerco e tomada das praças de Ciudad Rodrigo e Badajoz, e Welington, vendo-se assim senhor das duas portas de Hespanha, voltou á Beira, pronunciando assim o seu movimento para o norte, emquanto deixava no Alemtejo o general Hill, a quem mandou tomar no dia 18 de maio uma ponte fortificada, estabelecida por Marmont em Almaraz sobre o Tejo, a fim de cortar as communicações entre os exercitos francezes.

Entrando com um exercito de 50.000 homens em Salamanca poz cerco á cidade, e o duque de Ragusa manobrou com o seu exercito, procurando obrigar Welington a levantar o cerco mas cobrindo-se sempre com o rio. O general francez não logrou o intento e o exercito anglo-luso tomou a praça de assalto em 27 de junho, depois de renhido combate que poz termo á resistencia dos francezes. N'este assalto distinguiram-se nobremente as tropas portuguezas.

Seguiu se um pequeno revez, animando tanto os francezes, que, em 22 de julho, estes, nas alturas dos Arapiles, intentaram um combate, que foi, não falando do de Albuera, o mais encarniçado de toda a guerra peninsular. N'elle quasi se luctou braço a braço.

Tomando a offensiva, em logar da defensiva, que mantinha, Welington fez avançar todas as suas forças. Na direita o general Packenham, com um corpo de tropas em que entrava a brigada portugueza Bradford, repelliu energicamente as divisões Thomiéres e Brenier, que foram depois completamente destroçadas pela cavallaria alliada, sob o mando do major general Urban, e em que entravam os regimentos 1 e 11; no centro a divisão Cole, de que fazia parte a brigada portugueza Hervey, formada dos nossos regimentos 11 e 23, investiu tambem com vigor; e no extremo esquerdo a brigada portugueza Pack, constituida pelos regimentos 4 e 16, foi encarregada de tomar a formidavel posição do grande Arapile, e occupou-a por fim á custa de terriveis perdas.

Esta enorme derrota collocou os exercitos napoleonicos em más circumstancias. Todavia não foi bem aproveitada essa situação deploravel, e Welington, entrando em Madrid triumphante e não perseguindo immediatamente os vencidos, protelou o desfecho.

Além d'estes dois factos de natureza diversa e que ambos memoram Salamanca egualmente na historia, tem esta cidade muitos monumentos que a tornam digna de interesse e conhecimento. N'ella se tem conservado, mais do que em nenhuma outra terra de Hespanha, o aspecto archaico, que tanto encanta o archeologo e o historiador. Os seus monumentos são todos antigos. É uma cidade fechada; e as suas muralhas teem treze portas. As ruas são tortuosas e ingremes, ficando no centro a praça Maior, vasta, quadrada, com arcadas em volta e da qual um dos lados é occupado pelos paços municipaes.

Dos edificios devem distinguir-se: a cathedral começada em 1513 no estylo gothico e concluida em 1734. Substituiu a antiga basilica, edificio do seculo XII, que se acha perto. A cathedral de Salamanca occupa um quadrado de cerca de cincoenta metros de lado e tem uma enorme torre na qual está o sino grande que peza 23.600 kilos. Esta torre foi construida pelo architecto Chirruguera, notavel artista que creou uma escola especial.

Sabendo as auctoridades de Salamanca do terremoto de 1755, e receando alguma catastrophe d'esse genero mandaram fazer uma especie de couraça de alvenaria á torre primitiva, tapando o que no exterior havia digno de ver-se. No interior as abobadas são lançadas com arrojo e sustentadas por pilares elegantes com magnificos capiteis. A ornamentação é rica, sendo inferior os trabalhos de talha. As estatuas e imagens são primorosas. O thesouro é bastante rico e n'elle existe uma custodia de grande valor artistico.

O Collegio Velho, de fundação antiga e reconstruido em 1410, o museu provincial, são importantes; o convento de S. Domingos, o collegio da Ordem de Calatrava, e dos Recoletos uns edificios dignos de nota, como tambem alguns particulares e entre elles a casa das Conchas, por causa do grande numero de conchas que lhe ornam a fachada, e que relembra a dos Bicos, de Lisboa; o da Sal, e outros que o visitante anota com interesse e admiração, e que nos seria difficil enumerar agora.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

A PORTA MONUMENTAL

Em breves dias, d'aqui a pouco mais de um mez, se abrirá em Paris aos olhos deslumbrados de nacionaes e extrangeiros a grande festa de trabalho e de paz, o opulento certamen das sciencias, artes e industrias francezas e de todo o mundo, com que a maravilhosa França pretende solemnisar o começo d'um novo seculo. E de tão notavel acontecimento, deveras importante no progresso da civilisação universal, é forçoso que nos occupemos

Reproduzimos, pois, hoje a admiravel porta monumental que o architecto mr. René Binet construiu na praça da Concordia e que dá entrada para a exposição. Não comporta o nosso periodico a sua descripção minuciosa, mas não deixaremos de enumerar alguns detalhes mais interessantes.

Imagine-se um arco immenso, seccionado, nas suas tres faces, de aberturas que servirão de escoantes para a multidão cosmopolita que visitará o certamen internacional.

A primeira impressão é tudo. A grandiosidade da porta monumental da exposição predispõe agradavelmente para admiração das maravilhas que se encerram nas mil installações do recinto vedado.

Por cima da porta propriamente dita, vê-se um zimborio todo dourado, que supporta uma estatua colossal personificando a cidade de Paris, sob a forma de uma mulher vestida á moderna, tendo na cabeça um navio, a mão direita estendida n'um gesto de boas vindas e a outra empunhando um ramo de loureiro.

A' direita e á esquerda da entrada dois minaretes, cujas superficies encrustadas de pedras polidas reflectindo infinitamente os fogos das innumeras lampadas incandescentes que n'uma profusão estonteadora se espalham por todos os lados. Por cada lado do arco principal corre um friso de pedra artistico, de mais de dois metros de altura, com prodigiosas composições representando o trabalho, devidas ao cinzel de Anatole Guillot. N'elles figuram longos grupos de operarios de todos os corpos de officio, caminhando para a grande obra de 1900, levando o producto do seu labor intelligente.

Cada friso mede $9^m,5$ de comprimento por 2^m de alto. Essas esculpturas primorosas teem vida e movimento. A marcha do trabalho é extraordinaria e a multidão activa corre a cumprir o seu dever social, economico e physiologico.

O arco faz-se de aboboda no interior, abobada magica de decoração. É d'uma felicissima ornamentação artistica. Ha n'ella a grandeza dos arcos de triumpho e a delicadeza gracil das esculpturas orientaes. Monumental, imponente, soberba, emfim, não exclue o apurado da factura, rendilhada como letras arabes ou brincada como objectos de ourivesaria mediaval. O ar e a luz entram a jorros no edificio por meio de florões, imitando as admiraveis rosetas de cores da Notre Dame. Um lustre immenso, descendo do centro da cupola, derramará á noite uma luz deslumbrante sobre os visitantes que n'aquelle logar se accumulem.

A porta monumental consta, como dissémos, essencialmente de tres grandes arcos desegüaes. Nos intervallos d'estes arcos ostentam-se varias estatuas illuminantes de electricidade. O vão do arco maior é de 20 metros e mede 45 metros desde o solo ao fecho. Teem quasi o duplo os delgados mirantes lateraes. A construcção cobre 2.800^m quadrados. Tem o esqueleto metallico, sendo o resto de alvenaria leve, coberta de chapas esmaltadas e brilhantes. A cupola cobre 500^m quadrados.

Mas esta porta colossal não é somente artistica e allegorica; tem tambem o seu lado pratico. Primeiramente, nos dias chuvosos, poderá abrigar duas mil pessoas sob a sua cupola, e depois dará um accesso facil e commodo ao publico, sem deixar de permittir a verificação das entradas. Podem entrar por alli, mostrando o seu bilhete, milhares de pessoas em cada uma hora. Deixando-se o portico, entra-se n'uma praça semi-circular d'onde irradiam 58 corredores para canalisarem a multidão dos visitantes. Calculando-se que cada corredor dá vasão a 17 pessoas por minuto, saem d'alli 986 pessoas ou perto de 60.000 em cada hora.

Ha um dos arcos que forma a porta destinada aos cortejos officiaes. Está fechada por uma grade de ferro forjado que constitue uma verdadeira muralha. Denomina-se a Grade dos Almotacés.

Tal, é, em rapida enumeração das suas bellezas, a grande porta da exposição. Com René Binet, o seu genial delineador, cooperaram Alphonse Gentil, tambem architecto, e Anatole Guillot, notavel esculptor. Do concurso d'esta trilogia artistica, da alliança da sua actividade genial, brotaram o projecto e a execução d'esse portico maravilhoso que hoje archivamos em as paginas do OCCIDENTE.

TYPOS HESPANHOES — O JEREZANO

É um typo commum em Jerez, na Hespanha, aquelle que o sr. de Federica copiou na sua aguarella que reproduzimos. Um cantador, que, entre dois *copasios* de bom vinho da tão celebrada Andaluzia e uma *cigarrada*, dedilha na viola a canção favorita ou uma das mais em voga.

É pittoresco o seu trajo. Isso mostra bem como é conservadora em seus costumes aquella rica provincia do reino visinho. O jerezano, diz se que tem uma physionomia accentuada muito especial, um typo popular muito caracteristico, mantido a despeito de quantas innovações exportam os grandes centros do luxo e da moda. A estampa bem o affirma, e embora allegorica, com a sua manta de côres variegadas, e frescos rebentos de videira ao lado d'uma garrafa do apreciado nectar de Jerez de la Frontera, constitue um documento da indumentaria popular, tão caprichosa e tão caracteristica.

Ajunte-se, pois, mais este curioso typo hespanhol áquelles que já temos publicado, e que tanto apreço teem merecido dos nossos leitores.

D. Alexandre de Saldanha da Gama

É balda n'este paiz, e balda antiga, dizer-se de qualquer creatura, por mediocre que seja a sua intelligencia, apoucados os seus merecimentos, ou discutivel a integridade do seu caracter, que pertence ao numero das individualidades profundamente sympathicas e crédoras das maiores honrarias e applausos. Diz-se isto de quasi toda a gente, e quasi toda a gente, n'este privilegiado paiz, merece estatua e apotheose de estrondo. Jornaes, almanachs e revistas de todas as côres e feitios enchem-se quotidianamente de retratos e biographias que são de fazer estarrecer uma alma de Christo, porque todas essas biographias nos dão as pessoas de que tratam como verdadeiras e authenticas glorias da terra, figuras distinctas na litteratura ou na arte, no jornalismo ou na politica, na finança ou no commercio ou na industria.

E esta facilidade de elogiar e applaudir quem quer que seja, generalisou-se de tal sorte, e tão habituadas estão as pessoas que lêem n'este paiz a encontrar-se na rua com homens notaveis e illustres e a ver nos jornaes applausos e saudações a fulanos e cicranos, que se encontra verdadeiramente afflicto, e em posição critica, aquelle que

D. ALEXANDRE DE SALDANHA DA GAMA

se vê na necessidade ou no dever de acompanhar de algumas palavras biographicas, embora rapidas e descoloridas, o retrato de algum verdadeiro fidalgo de sangue e de caracter, de algum notavel e benemerito trabalhador, de algum sincero e delicadissimo patriota. Logo vem o receio de que as turbas, ignorantes e mal elucidadas, enfileiram o seu homem ao lado de todas as outras nullidades e insignificancias.

Felizmente que eu não estou n'esses casos, e não me assalta o receio de que tomem á conta de lisonja ou de dever de *elogiador-mutuo* as palavras que ficam hoje aqui, n'esta excellente revista, acompanhando o retrato de D. Alexandre de Saldanha da Gama. É geralmente conhecida a sua vida de trabalhador infatigavel e honestissimo, e a perfeita integridade do seu caracter, que de modo nenhum consentiria lisonjas nem acceitaria interesseiras e hypocritas palavras. Felizmente, D. Alexandre de Saldanha, não pertencendo a escolas litterarias, nem a agrupamentos de café, nem andando a ostentar-se por ahi, como tantos outros que não possuem a decima parte dos seus meritos, põe-me absolutamente á vontade, pela sua vida de trabalho e de modestia, e deixa que eu diga d'elle, livremente, o que é de justiça, de dever e de necessidade que seja dito. E fallo assim porque brada aos céos, realmente, que os homens de indiscutivel valor e de reconhecida benemerencia, de vida honesta e afadigosa, e de obscuro mas proficuo lidar, sejam esquecidos e vivam de todos ignorados, quando os maus e os inuteis conquistem posição e fortuna e são, em limitado lapso de tempo, guindados aos mais altos cargos e ás mais valiosas distincções.

Eu não tenho a pretenção, nem ainda que a tivesse me sobravam forças para tanto, de escrever a biographia de D. Alexandre de Saldanha da Gama. Ruim moldura para tão bello e expressivo quadro seriam as minhas palavras. A sua biographia está feita, e eloquentemente, por elle proprio. Basta olhal-o e saber o que elle é e como elle vive.

Fidalgo, e dos de mais nobres e authenticos pergaminhos, e chefe de um partido que toda a gente honesta e bem intencionada respeita e admira, pela sua crença firmissima e pela sua inquebrantavel dedicação á causa nobre que defende, D. Alexandre de Saldanha da Gama vive obscuramente, e modestamente, na sua simples casa de Torres Novas, com a familia que lhe quer com os maiores extremos e a quem elle ama inexcedivelmente, mas dando aos filhos e a todos os compatriotas o grande e nobilissimo exemplo do fidalgo honestissimo, que trabalha para viver, que trabalha com todas as suas forças, com toda a esperança, utilisando, em proveito dos seus, e da sua terra querida, as excepcionaes qualidades de homem activissimo e intelligente com que Deus o dotou. Porque difficilmente se comprehende o que seja a vida d'este bello homem; e só aquelles que o conhecerem bem ou de perto lidarem com elle, podem avaliar a justiça e a verdade d'estas palavras: D. Alexandre de Saldanha da Gama é um homem de trabalho e de actividade extraordinaria.

Seja dirigindo a importante fabrica de tecidos de Torres Novas, uma das primeira do paiz, seja dirigindo os negocios do seu partido, cuja chefia lhe foi commettida pelo senhor Dom Miguel Segundo, que lhe conhece perfeitamente a intelligencia e o caracter, e n'elle deposita toda a confiança, seja ainda tratando de uma infinidade de negocios de toda a ordem, D. Alexandre de Saldanha da Gama é o melhor e mais eloquente exemplo de quanto pode e vale a intelligencia alliada á honestidade, o culto da virtude ao amor do trabalho, a nobreza dos sentimentos á nobreza do sangue, e o mais eloquente e melhor exemplo do verdadeiro antigo fidalgo portuguez, que sabia de egual modo honrar o seu nome e servir o seu paiz.

No banquete que ha dias foi offerecido em sua honra, pelo feliz regresso do Brazil, onde fôra por imperiosas necessidades particulares, disse eu que todos os que se achavam presentes, como todos aquelles que o conhecem, de longe que seja, vêem n'elle o distincto fidalgo portuguez, o incomparavel chefe politico e o amigo dedicado e lealissimo. E é uma verdade, que eu repito hoje com a maior satisfação. D. Alexandre de Saldanha é d'estes homens que desde a primeira conversação, nos deixam profundamente impressionados, pela franqueza, sinceridade, distincção natural, lucida intelligencia e inexcedivel bondade, que são os seus caracteristicos. E se como fidalgo se nos impõe, e como chefe de partido nos enthusiasma e incita, como amigo, todo extremos de dedicação e franqueza, faz-se adorar, e tem direito á maior estima, a uma confiança plenissima, e a uma gratidão eterna e profunda.

Posso dizer que D. Alexandre de Saldanha da Gama é o chefe que convinha melhor, nas circumstancias actuaes, ao partido legitimista. E posso dizer tambem que difficilmente se encontrará melhor e mais serviçal amigo, e fidalgo portuguez que melhor comprehenda, na situação especial em que se encontra, e melhor os harmonise, os seus deveres de politico, de trabalhador e de chefe de familia.

Ora homens assim, cuja vida de trabalho e de probidade immaculada é um alto exemplo e um forte estimulo, vivem eternamente no coração e na memoria de nós todos, e merecidamente devem inscrever-se seus nomes no livro aureo dos bons filhos e das legitimas glorias d'esta abençoada e feliz terra portugueza.

Zuzarte de Mendonça.

RELIGIÃO E ENSINO RELIGIOSO

(Concluido do n.º antecedente)

A concepção superior do Olympo na Grecia e a disposição caracteristica d'aquelle insignissimo pequeno mundo relativamente ás artes, fizeram da sua população mixta e tão dividida na politica o modelo mais perfeito do que logra o genio quando em contacto com crenças arraigadas. Os deuses d'Homero, porque n'elles confiava o espirito d'um povo, serviram apesar da nulla objectividade do seu culto a causa da gloria dos gregos e a civilisação geral.

Filippe conseguindo intrometter-se nos negocios politicos da republica e Alexandre impondo a sua auctoridade aos discursos de Demosthenes, dominaram emfim n'aquelle solo enriquecido pela passagem dos vultos mais celebres que tenham florescido alheios ao Christianismo.

Já não havia então entre os gregos o apêgo religioso ás suas divindades, tendo-se perdido egualmente o affecto entranhado á patria, que inspirára aos espartanos a defeza das Thermopylas e aos athenienses a famosissima e quasi inverosimil batalha de Salamina.

Bem depressa o conquistador insaciavel levou os filhos da Hellade para o Oriente dissoluto, onde em seguida a uma carreira vertiginosa de combates victoriosos encontrou o termo dos seus triumphos e da propria vida.

Logo depois accentua-se a decadencia da Grecia, cujo destino iria enlaçar-se no destino d'uma cidade ainda mal conhecida, Roma.

Os romanos attingem o maximo poderio registado na historia, mas desde que deixam de tributar a homenagem respeitosa da sua adoração ás deidades do paganismo, trahem do mesmo modo os impulsos da affeição filial ao torrão sagrado que lhes embalára o berço tornando-se abastardados no territorio da sua patria.

Os judeus, sempre miseraveis e crapulosos, forneceram á philosophia o significado irreprehensivel da belleza absoluta e deram origem no seu seio á doutrina essencialmente nobre e eloquentemente pura.

O preceito do amor sem restricção de pessoas e de classes nem separação de raças, veio iniciar os homens na sua missão legitima e desbancou todo o atropellamento á dignidade da especie.

É que Jesus Christo, judeu de nascimento, revelou ao mundo as verdades sublimes que respondiam ao anciar em que jaziam moralmente os pensadores de mais subido engenho e as multidões obscuras na sua ignorancia forçada.

As palavras do filho de Maria, recolhidas pelos seus adeptos humildes, transpozeram em breve os limites acanhados da Terra Santa e chegaram a ser repetidas na cidade dos Cesares.

A humanidade compunha para Elle uma familia unica de irmãos, cujo Pae commum, Deus, vela por todos providencialmente.

VISTA GERAL DE SALAMANCA

Ninguem nasce escravo ou rei; é um attentado nefando dispôr do nosso egual como de qualquer objecto sujeito a transacção e só o merito de cada individuo tem valor bastante para lhe imprimir distincção e captar-lhe sympathias.

A forma politica, a que se dirigia o vencedor de Pharsalia, fôra inaugurada definitivamente na pessoa de Augusto.

Jesus, que apenas viveu 33 annos, só principiou a sua carreira apostolica em tempo de Tiberio, 2.º imperador romano.

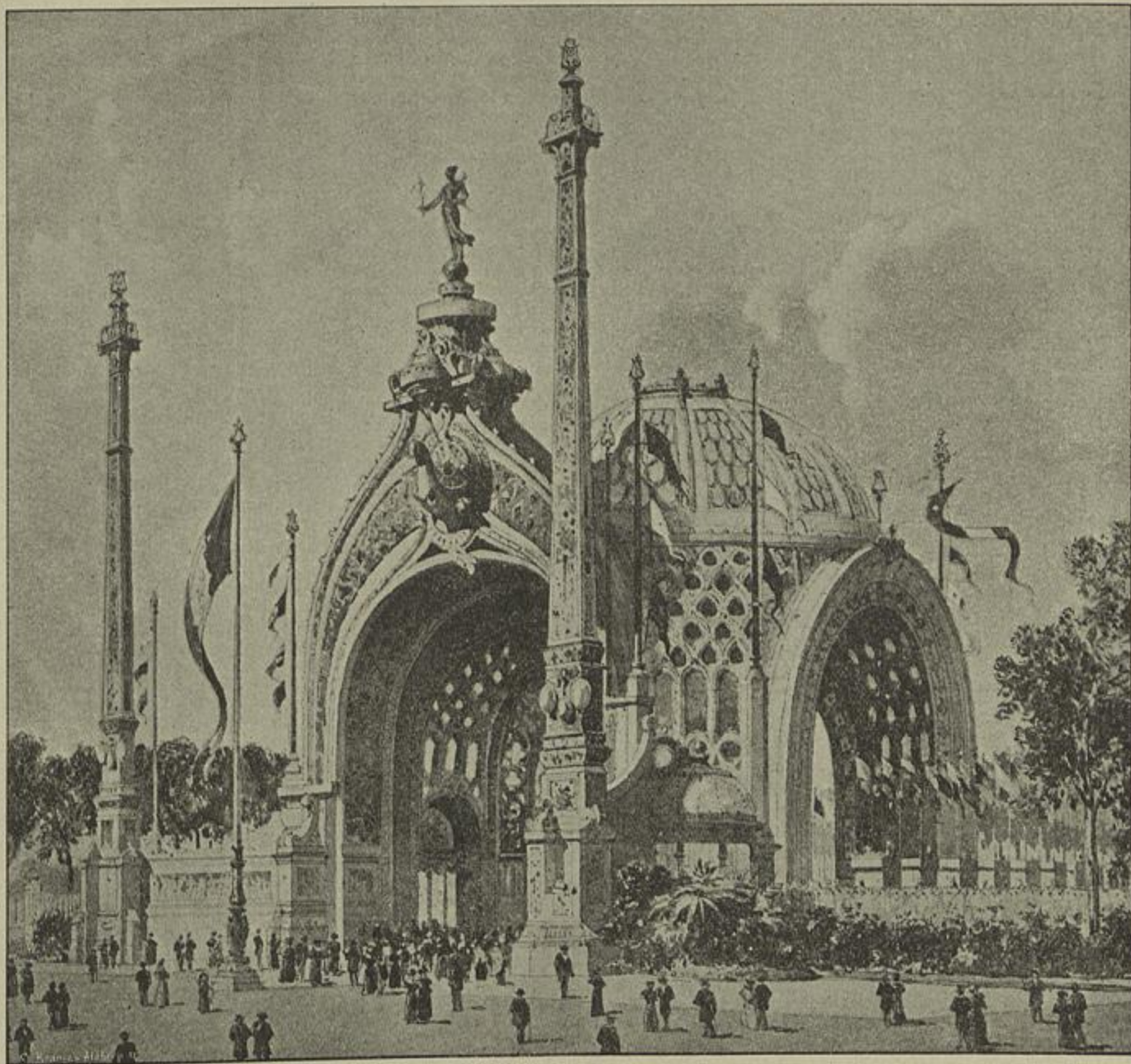
Quando Nero substituiu Claudio na governação suprêma já o numero dos christãos avultava a tal ponto que o despota decretou a primeira perseguição contra elles.

A decadencia do grande colosso em que hate, contra o estado de devassidão e de indifferença ignara perante os deuses do pantheon.

Aproveitaram porém os barbaros: o imperio não resistiu ao seu embate temeroso, mas elles deixaram-se enlevar pelos exemplos insinuantes dos proselytos do Christianismo e estabeleceram organisações politicas, modelos de boa ordem e de crenças firmes.

Dizia da philosophia christã com muita propriedade o illustre escriptor Troplong: «Elle est toutefois la base de notre existence sociale; elle alimente la racine de notre droit, et nous vivons plus encore par elle que par les idées échappées à la ruine du monde grec et du monde romain».

Ainda com relação ao advento do codigo de Jesus Christo lê-se n'um livro notavel de Fustel

cio da meditação, e transformando em obreiros da paz todos os homens que sabem comprehender-lhe os lenitivos suaves, não atacam directamente a vontade livre da creatura racional, antes a obrigam insensivelmente a determinar-se pelo melhor. No tempo precedente ao Christianismo o prazer sensual resumia exclusivamente a aspiração dilecta das classes não escravas; com a sua iniciação, renasceram estimulos secretos na mente do homem que usou da faculdade nobre de libertar-se da materia e olhou sem rebuço para as regiões do Alto. Hoje, que vivemos em pleno progresso de instituições sociaes e que possuimos uma civilisação indiscutivelmente superior ao nivel moral attingido nas epocas nebulosas da antiguidade oriental e até de gregos e de romanos,

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS, EM 1900 — A PORTA MONUMENTAL

viam sido abysmadas nações menos poderosas não era facto duvidoso para os proprios imperantes.

Os costumes, relaxados assustadoramente e a falta absoluta de confiança nas divindades pagans, faziam entrevêr n'um futuro pouco distante a quéda das instituições e a anarchia irremediavel.

A teima systematica em oppôr á acção do Evangelho a violencia da força impediu talvez o imperio romano de entrar n'uma phase politica que lhe communicaria alento novo.

Os christãos permaneciam na pureza da sua fé e oravam fervorosos em torno da cruz do Mestre incomparavel.

Já muitas mães nutriam creancitas no espirito amoravel do ensinamento do Homem-Deus, e approximava-se a hora em que Constantino havia de fazer acto de fé á doutrina christã.

Semelhante resolução nada poderia infelizmende Coulanges, *La Cité Antique*: «Le christianisme a distingué les vertus privées des vertus publiques. En abaissant celles-ci, il a relevé celles-là; il a mis Dieu, la famille, la personne humaine au-dessus de la patrie, le prochain au-dessus du concitoyen».

É portanto innegavel a influencia da religião sobre o caracter dos homens.

É que as religiões são de facto conforme a affirmativa de Vacherot na phrase já citada no presente estudo, «des phénomènes de l'esprit humain qui ont leur manifestation et leur épanouissement dans l'histoire: mais leur racine est ailleurs; elle est dans la conscience de l'homme». Nenhum corpo de doutrina religiosa admitte equivalencia comparado aos preceitos singelos do Christianismo, que habituam o ser humano a conformar-se com a sua sorte, embora seja adversa e não alimentam odios nem suscitam desejos de vingança.

Elles abrandam as paixões insensatas no silen-

não é licito deixar esfriar a religião dos nossos maiores n'esta terra fertilissima e uberrima, em que se erguem padrões gloriosissimos de fé ardente como a Batalha e testemunhos sete vezes seculares de crença catholica como S. Vicente de Fóra.

Ao governo portuguez e a todos os espiritos cultos e sensatos da nossa patria recommendo as seguintes phrases conceituosas do talentoso francez Julio Simon, já fallecido: «Il n'y a pas un maître en France, sachez-le bien, *(dirigia-se para a presidencia da camara em Paris, onde discursava)*, il n'y a pas un de mes chers collègues les maîtres d'école de villages et de hameaux qui ne soit prêt à applaudir à cette déclaration et à s'y conformer. Et quand vous l'aurez mise dans la loi, il n'y aura pas un ennemi, pas un ami de la République qui ne sache que nous ne faisons pas cause commune avec les matérialistes et les athées, et que, si nous aimons la République, c'est parce que

nous aimons la moralité et la liberté, que nous n'en séparerons jamais!» Alludia o distincto finado na parte que acabo de transcrever do seu discurso na sessão de 2 de julho de 1881, durante a gerencia do ministerio Ferry, á sua proposta formulada momentos antes para que ficasse consignado nas leis, que os professores ensinariam aos alumnos os seus deveres para com Deus e para com a patria.

A segurança dos Estados e a economia administrativa são questões palpitantes de vitalidade que reclamam a attenção maxima dos depositarios do poder, mas devem estes nunca olvidar tambem o valor positivo do ensino religioso, antidoto infallivel contra as aberrações criminosas e as velleidades da perfidia.

D. Francisco de Noronha.

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

(Continuado do numero antecedente)

O reinado de D. Duarte inicia-se por uma lei similhante áquella com que findara o de seu pae, isto é, com uma outra pragmatica, em que se prohibem os gastos dos fidalgos, em detrimento das industrias que só do luxo e das variações da moda se sustentavam.

Mas para exalçar este monarcha, bem digno de melhores dias do que aquelles por que passou, basta saber-se que foi no seu tempo que se promulgou a primeira lei de minas que houve em Portugal, e que se encontra compilada no art. 26, titulo XXIV, do livro II das *Ordenações Affonsinas*. Esta lei, cujo espirito parece inspirado nas leis romanas, permittia a todas as pessoas a lavra das minas, em qualquer ponto do paiz, pagando uma dizima ao soberano, e outra ao proprietario do solo em que jaziam.

Não obstante, continuou, com menosprezo d'esta nova lei, a conceder-se em condições variaveis a lavra das minas.

Causa extranheza que um rei tão intelligente e sabio como D. Duarte não impulsionasse um pouco a industria do reino, porém basta reflectir nas terriveis contingencias do seu reinado, que desde principio até fim foi assignalado por uma grande peste, para se lhe desculpar tal facto. Mais felizes as lettras do que as artes, receberam aquellas um notavel impulso.

Segue-se a regencia do *infante D. Pedro*, durante a menoridade de D. Affonso V, em que aquelle principe se distingue pela boa administração dos negocios do Estado.

Em 1441, o infante D. Pedro no seu *conselho* ou cortes de 24 de maio, celebradas em Torres Vedras, mandou passar o seguinte capitulo aos procuradores de Coimbra, pelo qual muito se animou o fabrico do azeite:

— Que do serviço do rei e de seus tios fossem isentas as bestas dos lagareiros emquanto os lagares lavrassem.

Esta providencia, alliada a outras tomadas pelas camaras, no sentido de favorecer a olivicultura, impondo pezadas *coimas* [1] aos que entrassem olivedos, foi de grande importancia para a industria oleica.

Por esta epoca, começou em varias terras de Portugal a fabricar-se pannos de lã *meirinha*, como se diz no capitulo XXXVI dos *Artigos da Sizas*, ordenados por D. Affonso V, sendo o mais que se fabricava até esse tempo estofos grosseiros, como o burel, almaffega, etc.

Com *D. Affonso V*, a lavra das minas alcança decidida protecção, pois que o rei concedeu a seu tio, o primeiro duque de Bragança, o estabelecimento de uma *ferraria* no termo da cidade de Lisboa, isentando-o de todo o imposto e dando alguns privilegios e regalias aos individuos n'ella empregados. Identica concessão fez ao bispo da Guarda, para estabelecer ferrarias em Caria e n'outras quaesquer partes do reino.

Os operarios empregados n'estas ferrarias eram quasi todos biscainhos, pois que a Byscaia e a Catalunha foram sempre regiões classicas da metallurgia do ferro.

Em 1481, concedeu o monarcha licença ao arcebispo de Toledo, para que um certo mestre Pedro, afinador castelhano, viesse abrir uma mina metallica, na villa de Vallongo, junto ao Olho do Corvo.

N'este reinado, não só se fabricavam no reino os artigos de consumo ordinario, como ainda se manufacturavam alguns de luxo, a despeito de uma nova pragmatica. Para exemplo temos a lavra das sedas que, n'esta epoca, attrahia a attenção dos povos, como se vê do seguinte capitulo das côrtes de Coimbra e Evora celebradas em 1472 e 1473, e que traduzimos assim:

«Senhor — Houveste por informação que a principal cousa porque o reino de Granada era assim rico, era pela seda que n'elle se criava e lavrava e que achaveis que estes vossos reinos são mais naturaes para n'elles criar e lavrar seda, como já cria em Lamego e Traz-os-Montes e em outras partes d'essa comarca. E, senhor, mandaste para as comarcas cartas para que todos os vizinhos e moradores d'ellas pozessem vinte pés de amoreiras ou as enxertassem em figueiras para se abrir caminho como se pudesse e haver em abastança as folhas das ditas amoreiras, para criação d'esses bichos, e assim se fazer e lavrar muita seda, senhor, não se poz em obra. Seja Vossa Mercê, que mandeis geralmente em todos vossos reinos dar bem a execução do vosso mandado, mandando cartas a todos vossos corregedores e ouvidores dos fidalgos, onde corregedores não entram, que o façam logo cumprir com alguma pena, porque, Senhor, parece cousa muito proveitosa e que a estes reinos trará honra e riqueza.»

Eis a resposta:

«Responde el rei que, pela Ordenação do Reino, é provido de como isto se haja de fazer, a qual manda que se guarde, e indo alguma pessoa, que obrigação tenha de a guardar, contra ella, ou a não cumprindo, sendo requerido tomem instrumento com resposta, e el-rei o extranhará quanto de razão seja.»

Era n'estes tempos já muito importante a lavra das sedas em Lamego e na provincia de Traz-os-Montes, causando viva emulação em Portugal a opulencia que com essa industria tinham adquirido os mouros de Granada.

Mas nem só ao povo seduzia a lavra das sedas. Em 1475, a pedido do duque de Guimarães, isentou D. Affonso V a seda que aquelle nobre industrial mandasse vir de fora para as suas manfacturas.

Tambem, n'este reinado, a industria do vidro adquire maior importancia, graças ao desenvolvimento da antiga fabrica estabelecida em Coina, cujos productos rivalisavam com os da do Covo, e em tão grande quantidade que lhe faziam prejudicial concorrencia.

Então o proprietario da fabrica do Covo, valendo-se dos seus antigos privilegios, conseguiu que el-rei ordenasse que a fabrica de Coina só pudesse vender louça de vidro, desde a margem esquerda do Mondego até ao Guadiana; e a do Covo desde o rio Minho, até á margem direita do Mondego. Para o extrangeiro podiam ambas as fabricas exportar sem restricções.

D. Affonso V continuou, como os seus antecessores, promovendo a industria cavallar. É notavel o privilegio que deu a Evora pelo empenho com que os habitantes d'aquella cidade procuravam melhorar esta industria. A cidade do Porto, tambem concedeu o monarcha alguns privilegios no mesmo sentido.

No anno de 1467, confirmou el-rei a Ruy Gonçalves a doação, que lhe fizera o infante D. Fernando das saboarias pretas da ilha da Madeira. [1]

Para coroar o relativo desenvolvimento industrial d'este reinado, teve D. Affonso V a gloria de ver entrar em Portugal a industria typographica, estabelecendo-se a primeira officina na cidade de Leiria. Ao mesmo tempo que os nossos navegadores dilatavam o nome de Portugal pelo mundo fora, a imprensa portugueza começava a espalhar os conhecimentos accumulados.

No reinado de *D. João II*, augmenta o fabrico dos lanificios nacionaes, como a *solia* e a *perpetuana*; uma pragmatica regula o uso dos tecidos extrangeiros, que em grande quantidade nos vinham de Flandres; fundam-se as ferrarias de Barcarena, e outras industrias adquirem maior importancia; especialmente com a favorecida admissão dos judeus emigrados de Castella e com os novos descobrimentos maritimos.

O monarcha, fazendo varias concessões de minas metallicas, especialmente de chumbo, dá aos concessionarios diversas regalias, isentando-os do pagamento de tributos durante o primeiro periodo de lavra, o qual podia ser de um a cinco annos.

Em 1484, D. João II ordenou por uma provisão que em Portugal se não pudesse estabelecer outra fabrica de vidros sem auctorisação de Diogo Fernandes, dono da antiga fabrica da villa do Covo. [2]

Em 1490, a infanta D. Beatriz, então residente em Beja, representou a el-rei, pedindo-lhe o privilegio da construcção e exploração de *pizões*, porque no termo da cidade se faziam muitos bureis e pannos para gente de trabalho, mas só distante havia *batans*, ou pizões, onde os apizoassem. O soberano deferiu o pedido da infanta por carta de 1 de março de 1490, passada em Evora. [1]

Por esta epoca, desenvolve-se nos Açores a cultura do *pastel*, planta muito usada na antiga tinturaria. Sabe-se que em 1490, Antonio Caçona, genovez, residente em Sevilha, trazia arrendado ao duque de Beja o trato do pastel na ilha Terceira.

Ordenando a compra de cavallos orientaes, para reproductores e creando o logar de *coudel-mór*, D. João II esforçou-se bastante em melhorar a industria coudelica, resultando que pouco depois estava o paiz apto a fornecer sete ou oito mil cavallos de marca.

A iniciativa propria do monarcha ha que accrescentar a da rainha sua esposa D. Leonor, a fundadora de tantas instituições de beneficencia. Pertence-lhe a creação do Hospital das Caldas e com elle o inicio de thermas e aproveitamento regular das aguas mineraes. Protege as letras, e varias obras se imprimem sob os seus auspicios. Gil Vicente, o fundador do theatro portuguez, recebe de tão illustre dama o encitamento que o levou a escrever os seus autos. E a iniciativa da caritativa rainha ainda se faz sentir em pleno reinado de D. Manoel.

(Continúa) *Esteves Pereira.*

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

II

Tanto lhe batia o coração que lhe perturbava a vista e lhe fazia andar a cabeça á roda. Machinalmente tratou de pôr em ordem as suas coisas. Desatou o embrulho do fato; depois abriu a mala e procurou arranjar os livros. Mas depressa esse trabalho o cançou. A cada instante, a seus olhos maravilhados offerecia-se-lhe a imagem d'essa rapariga, cuja apparição lhe havia perturbado a alma e para quem seu coração lhe fugia com irresistivel impulso. Tanta ventura desnorteava-lhe a existencia pallida; escureciam-se-lhe as idéas; experimentava como que uma agonia de incerteza e de esperança.

Pegou no passaporte e levou-o ao hospedeiro cuidando que veria a rapariga. Mas Mourine mal entreabriu a porta, pegou no papel e disse:

— Está bem; fica-te em paz.

E a porta fechou-se outra vez.

Ordinov ficou por instantes espantado. Sem que pudesse dizer porquê, era-lhe molesto o aspecto d'aquelle velho de olhar cheio de odio e de maldade. Mas depressa se desvaneceu a impressão desagradavel. Havia tres dias que Ordinov vivia n'um perfeito redemoinho, singularmente contrastando com seu antigo socego. Não podia nem queria reflectir. Era como que uma confusão. Sentia intimamente que sua vida se quebrara em duas. Agora só tinha um desejo, uma paixão, e nenhum outro pensamento poderia turbal-o.

Entrou outra vez no quarto e ahi achou ao pé do fogão, uma velhinha corcunda, tão suja e maltrapilha que teve immenso dó d'ella. Parecia muito má. De tempos a tempos resmungava, remexendo a bocca desdentada e o nariz. Era a criada. Ordinov procurou conversar, mas ella, evidentemente por malicia, ficou-se calada. A' hora do jantar tirou do fogão uns *stchi* *, uns pasteis, carne que levou aos patrões, e trouxe um outro tanto a Ordinov. Depois do jantar reinou na casa um profundo silencio.

Ordinov pegou n'um livro e folheou-o, tentando percebel-o, mas não o conseguiu apesar de varias leituras. Aborrecido, atirou com o livro e outra vez tentou pôr suas coisas em ordem. Porfim pegou do chapeu e da capa e sahiu. Andava ao acaso, sem ver o caminho, tentando recolher-se, concertar algumas idéas esparsas e deitar contas á situação. Mas esse esforço apenas serviu para augmentar lhe os soffrimentos. Invadiam-o alternadamente frio e calor e sentia por vezes taes palpitações que tinha que apoiar-se ás paredes.

[1] No seculo XIV, já a camara de Coimbra impunha a *coima* ou multa de 20 soldos, por cada cabeça de gado que andasse nos olivaes da cidade.

[1] *Saudades da Terra* por Gaspar Fructuoso.
[2] Pinho Leal — *Portugal Antigo e Moderno* pag. 79, vol. V.

[1] *Algumas industrias no tempo de D. João II*, artigos publicados no *Progresso Industrial*, de Lisboa, — por Sousa Viterbo.
* Soupa de couves.

«Não, antes a morte» pensava, «mais vale a morte» murmurava com os beiços tremulos e inflammados, sem cuidar no que dizia.

Caminhou longo tempo, até que reparou que não tinha um fio enxuto e que chovia a céo rasgado. Voltou então para o quarto. Não longe de casa avistou o dvornik e pareceu-lhe que o tartaro olhava para elle, fito e com curiosidade. Depois, fez menção de retirar-se, vendo que Ordinov tinha reparado n'elle.

— Boas tardes, disse-lhe Ordinov vindo ter com o dvornick. Como te chamam?

— Chamam-me o dvornik, respondeu-lhe o outro sorrindo.

— Ha muito que és aqui dvornik?

— Ha.

— O meu hospedeiro é mechtchanine?

— Mechtchanine, se elle t'o disse.

— O que é que elle faz?

— É doente, vive e ora a Deus.

— É mulher d'elle...?

— Que mulher?

— A que está com elle.

— Sua mulher, se elle t'o disse. Adeus barine.

O tartaro levou dois dedos ao barrete e metteu-se no quarto.

Ordinov foi para casa. A velha, resmungando e grunhindo comsigo mesma, abriu-lhe a porta, fechou-a á chave e saltou para cima do fogão, onde acabava o seu seculo. [1] A noite vinha descendo. Ordinov foi buscar luz, mas a porta dos hospedeiros estava fechada á chave. Chamou pela velha, que, meio erguida sobre o cotovelo, olhava fito para elle, como se a inquietasse vel-o tão perto d'aquella fechadura. Atirou-lhe, sem dar palavra, com um molho de fosforos, e elle retirou-se de novo para o quarto. Pela centesima vez tentou pôr em ordem suas coisas e os livros. Mas depressa, sem dar razão do que lhe acontecia, teve que sentar-se n'um banco e cahiu n'um extranho entorpecimento. Por vezes, voltava a si e bem via que aquelle somno não era somno, mas sim um torpor doentio. Ouviu ranger uma porta e percebeu que eram seus hospedeiros que voltavam da oração da tarde. Acudiu-lhe ao espirito que tinha qualquer coisa a pedir-lhes, levantou-se e teve a sensação de que andava, mas tropeçou e cahiu sobre um molho de lenha que a velha tinha atirado para o meio do quarto. Para ali ficou sem sentidos e, quando abriu os olhos, muito tempo depois, pasmou de se achar vestido deitado sobre o banco. Sobre elle, com meiga solicitude, debruçava-se um rosto de mulher, um adoravel rosto humedecido por doces lagrimas como que maternaes. Sentiu que lhe punham uma almofada sob a cabeça, que o cobriam com uma coisa quente e que uns dedos muito frescos lhe apalpavam a testa a escaldar. Bem quereria dizer: Obrigado. Quereria pegar n'aquella mão, leval-a aos labios aridos, regal-a com suas lagrimas e beijal-a, beijal-a por toda a eternidade! Mil coisas quereria dizer, mas o quê não sabia. O que mais queria era morrer n'esse instante. Tinha umas mãos de chumbo, que não podia mover; estava para ali inerte e só ouvia o sangue batendo-lhe nas arterias com extraordinaria violencia. Sentiu que lhe molhavam as fontes... E por fim desmaiou.

O sol varejava as vidraças do quarto com um feixe de raios d'oiro, quando Ordinov acordou, seriam umas oito horas da manhã. Acariciava-lhe os membros uma deliciosa sensação de socego e de descanço. Depois pareceu-lhe que alguem havia estado, havia pouco, ao pé d'elle e acabou de despertar procurando anciosamente o tal ser invisivel. Como desejaria abraçar a sua amiga e dizer-lhe pela primeira vez na vida: «Deus te salve, ó meu amor!»

— O tempo que dormiste! disse uma voz suave de mulher.

Ordinov voltou a cabeça e o rosto da sua linda hospedeira debruçou-se sobre o d'elle, com um sorriso affavel, claro como o dia.

— Por muito tempo estiveste doente, continuou ella. Mas agora, levanta-te. Porque has de estar preso? A liberdade é melhor que o pão, mais bella que o sol. Vamos, levanta-te, querido, levanta-te.

Ordinov pegou na mão da rapariga e apertou-lh'a com força. Cuidava continuar o sonho.

— Espera, vou fazer-te uma gota de chá. Queres? Toma, verás que te ha de fazer bem: a mim, fez-me, porque tambem estive doente.

— Sim, dá-me o que quer que seja de beber, disse Ordinov com voz enfraquecida, levantando-se.

Era sem forças. Correu-lhe as costas um calafrio; todos os membros eram dolorosos, quebrados. Mas tinha a alegria no coração e o sol aquecia-o como uma fogueira. Principiava para elle uma vida nova, poderosa, desconhecida. Sentia a cabeça fraca, estonteada.

— Chamas-te Vassili, não é? perguntou ella. Se não ouvi mal, foi o nome por que hontem te chamou o hospedeiro.

— Sim, Vassili, e tu? perguntou Ordinov.

Quiz approximar-se d'ella, mas mal se tinha nas pernas e cambaleou. Ella segurou-o pelas mãos e poz-se a rir.

— Eu, Catharina.

E fitava fundamente os grandes olhos azues claros, nos olhos de Ordinov. Apertavam-se as mãos com força, sem falarem.

— Queres perguntar-me alguma coisa? disse ella por fim.

— Sim... não sei... respondeu Ordinov.

E teve uma tontura.

— Vê como ainda estás! Vamos, querido, não te apoquentes. Vem aqui para o sol, junto da mesa... Deixa-te estar quieto e não andes atraz de mim, accrescentou vendo o fazer um gesto para sustel-a. Eu já volto, tens tempo de sobra para ver-me.

Um instante depois trazia o chá, punha-o em cima da mesa e sentava-se defronte de Ordinov.

— Toma, disse, bebe. Então, ainda te doe a cabeça?

— Não, agora já não doe .. Não sei, talvez ainda.. Mas não quero... Basta! Não sei o que tenho, accrescentou suffocado e tornando a pegar na mão de Catharina. Deixa-te aqui estar, não te vás embora. Dá-me, dá-me cá as tuas mãos... Deslumbras-me, olho para ti como para o sol! exclamou, como arrancando do coração essas palavras.

Abafavam-o os soluços.

— Coitado! Não terás vivido com gente boa. E's só, sósinho? Não tens parentes?

— Ninguem. Sou só... Mas isso que lhe importa? Agora vou melhor... Agora estou bem! disse Ordinov com um modo de delirio.

Parecia-lhe que tudo no quarto lhe andava á roda.

— Eu tambem muito tempo vivi sósinha... Como tu olhas para mim!... disse ella depois d'um silencio. Então!... Parece que te queimam os meus olhos! Bem sabes que, quando se gosta de alguem... Eu, desde logo que te vi, te metti no coração. Se estiveres doente, hei de cuidar de ti como de mim mesma. Mas não te quero doente outra vez, não quero. Quando estiveres melhor, havemos de viver como dois irmãos, queres? Uma irmã não é coisa que se ache assim, quando Nosso Senhor nol-a não deu.

— Quem és? D'onde és? murmurou Ordinov.

— Não sou d'aqui... Mas porque pensas n'isso?.. Não conheces aquelle conto... Era uma vez uma duzia de irmãos que viviam n'uma grande floresta. Perdeu-se n'ella uma linda menina, entrou na casa d'elles, poz tudo em ordem e todas as coisas encheu de sua ternura. Ao voltarem, adivinharam os irmãos que uma irmã lhes havia chegado, chamavam-a e ella mostrou-se. Todos lhe chamavam irmã e deixavam-lhe a querida liberdade. Foi sua irmã d'elles e sua egual... Conheces o conto, não conheces?

— Conheço, disse Ordinov.

— É bom viver. Gostas da vida?

— Se gosto! Se gosto!... exclamou Ordinov. Muito tempo, muito tempo, um seculo de vida!

— Pois, olha, não sei, disse Catharina pensativa, eu... queria morrer. E entretanto é bom gostar da vida e de gente boa, isso é... Olha, lá te fizeste outra vez tão branco como farinha!

— Anda-me á roda a cabeça...

— Espera, vou-te buscar um colxão e outra almofada. Ponho-t'os aqui, adormeces pensando em mim e todo o teu incommodo ha de passar... A nossa creada velha tambem está doente...

Ia falando e arranjando a cama e por vezes olhava para Ordinov e sorria-lhe por cima do hombro.

— Que quantidade de livros que tens! disse tomando o peso á mala.

Veio ter com Ordinov, pegou-lhe na mão, levou-o até á cama e tapou-o com um cobertor.

— Dizem que os livros corrompem o homem, continuou ella meneando a cabeça com ar entendido. Tu gostas de ler livros?

— Gosto, disse Ordinov ao acaso, sem dar conta se dormia ou se estava acordado, apertando muito a mão de Catharina para assegurar-se de que não dormia.

— O patrão tambem tem muitos livros. Queres vel-os? Diz que são livros de devoção e elle lê-m'os sempre. Hei de mostrar-t'os depois e has de explicar-me o que elle me lê.

— Fala-me ainda, murmurou Ordinov, olhando fito para ella.

— Gostas de resar? perguntou ella depois d'um silencio. Sabes? eu tenho sempre medo, medo...

Não acabou e pareceu abismar-se em profunda meditação. Ordinov pegou-lhe na mão e levou-a aos labios.

— Porque me beijas a mão? perguntou ella, fazendo-se toda córada. Pois então aqui as tens, beija-as, continuou a rir e dando-lhe ambas as mãos.

Depois, retirando uma d'ellas, apalpou a testa a escaldar do rapaz e poz-se a alisar-lhe e a afagar-lhe os cabellos. Cada vez córava mais. Por fim sentou-se no chão, junto do leito e encostou sua face á face de Ordinov, acariciando-lhe o rosto com seu halito humido e morno. De repente, sentiu elle lagrimas abundantes e a escaldarem que dos olhos da rapariga, como chumbo derretido, lhe cahiam sobre as faces d'elle. Cada vez se sentia mais enfraquecido, já nem podia mover as mãos. N'este momento, sentiram bater á porta e ranger o feixo. Ordinov ainda poude perceber a presença do velho por detraz do tabique. Viu, ainda meio distinctamente, Catharina erguer-se sem pressa, sem atrapalhar-se, e fazer sobre elle o signal da cruz. Acabava de fechar os olhos, quando um longo beijo a ferver lhe escaldou os labios. Pareceu-lhe sentir uma punhalada no coração, soltou um gemido e mais uma vez desmaiou.

Principiou então para elle uma vida extranha.

Por vezes tinha a confusa consciencia d'uma vida condemnada a uma especie de sonho ineluctavel, singular pesadelo de luctas estereis. Espavorido, tentava reagir contra a fatalidade, mas no instante do maior desespero na lucta encarniçada, um desconhecido poder de novo o prostrava em terra; de novo se sentia desmaiar, de novo um abysmo de funda escuridão, sem limites, sem nada em frente d'elle, e n'elle se precipitava aos gritos de angustia e de desespero! Outras vezes, pelo contrario, eram instantes de ventura, superiores a suas forças, os quaes o aniquilavam. Adquiria-lhe então o corpo uma vivacidade convulsa; illuminava-se lhe o passado e a hora presente era só alegrias e victorias; acordado, sonhava uma ventura inaudita. Quem já conheceu instantes assim? uma ineffavel esperança vivifica a alma como orvalho; deseja-se chorar de alegria e muito embora o organismo seja vencido por tantas sensações extremas, muito embora se sinta despedaçar-se o tecido da vida, alegra-nos uma regeneração, uma ressurreição. Outras vezes ainda, em modorra, revivia ao mesmo tempo todos os acontecimentos dos ultimos dias; mas tudo eram apparições extranhas e problematicas. Outras vezes emfim, o doente perdia de todo a memoria das coisas e espantava-se de já se não achar no seu *velho canto*, em casa da antiga patrôa; admirava-se de já não ver a velha, como era costume d'ella, ás horas tardias do crepusculo, vir até junto do fogão já quasi a apagar-se e que ainda dava uns clarões intermittentes que illuminavam os angulos do quarto, aquecer as mãos osseas e tremulas, sem deixar de dizer seu disparate a meia voz e lançando por vezes um olhar de pasmo para o seu hospede, que elle julgava um maniaco visto suas furias de trabalho. Outras vezes emfim lembrava-se de ter mudado de casa. Mas como fôra isso? Que fôra feito d'elle? E porquê essa mudança? Nada sabia, todo seu ser alheára-se da personalidade propria n'uma tensão irressistivel e constante. Para onde o chamavam e quem o chamava? Quem lhe puzera no sangue o insupportavel fogo que o consumia? Não sabia dar conta de tal, tinha-se esquecido. A miude julgava ver passar uma sombra e tentava agarral-a; cuidava ouvir ali junto do leito o roçar d'uns passos ligeiros e um murmurio de palavras ternas e carinhosas, doces como musica. Um sopro humido e arquejante deslisava pelo seu rosto e todo seu ser estremecia d'amor. Lagrimas ardentes queimavam-lhe as faces a arder em febre, e logo um longo e terno beijo aspirava seus labios; então parecia-lhe que sua vida se apagava, que o mundo, em volta d'elle, parava, que o mundo era morto por seculos e seculos, que uma noite dez vezes secular enchia de trevas a extensão.

Mas a outras horas eram saudades de seus annos infantis que o accommettiam. Revivia esses annos sem perturbações e suas alegrias serenas e sua perpetua ventura, e aquelle primeiro espanto — tão doce! — da vida, quando de cada flor colhida se evolava um enxame de espiritos bemfazejos que tagarelava com elle no prado cheio de galas, em frente da pequenina casa aninhada n'um bosquesinho de acacias. Os dulcissimos espiritos sorriam-lhe desde a extremidade do grande lago transparente a cuja beira gostava de quedar-se horas e horas escutando o marulhar das ondas. Eram os espiritos que o adormeciam com o fremito de suas azas, dons dos sonhos cheios de côr e

[1] Expressão russa.

TYPOS HESPANHOES — O JEREZANO

de risos, á hora em que sua mãe se debruçava sobre o pequenino leito, lhe fazia na testa o signal da cruz, e beijava-o e acalentava-o com cantigas de ama durante as compridas noites serenas. Mas logo apparecia um ser que lhe dava terrores fóra da edade e lhe entornava na vida os primeiros venenos da afflicção. Sentia confusamente que esse tal ser, esse velho desconhecido pesaria sobre todo seu futuro, e olhava para elle a tremer e não podia d'elle desviar a vista um instante que fosse. Aquelle maldito velho por toda a parte o perseguia. No jardim espreitava-o e dizia-lhe adeus hypocritamente meneando a cabeça por detraz de cada arbusto. Em casa transformava-se em cada uma das bonecas do pequeno, e ria e atormentava-o, fazendo caretas nas mãos como um gnomo endiabrado. Na escola, excitava contra elle os camaradas crueis, ou então, assentando-se no banco, apparecia-lhe acocorado em cada letra da grammatica. E durante a noite assentava se-lhe á cabeceira... Expulsava o enxame dos espiritos bemfazejos que d'antes batiam as azas d'oiro e de saphiras em volta do leitosinho. Tambem era elle quem expulsava para longe da criança, e para sempre, a pobre mãe, e durante noites sem fim, murmurava um conto fantastico, que o pobre pequeno não percebia, mas que o dilacerava e agitava com terrores e paixões prematuras. E não dando ouvidos a soluços nem rogos, o velho continuava até que a victima cahia em torpor proximo do desmaio... De repente a creança acordava homem feito: annos haviam passado, bruscamente recahia na actual situação, e bruscamente percebia que estava só e estrangeiro no inteiro mundo, só entre gente mysteriosa e sujeita a caução, entre inimigos sempre reunidos n'um canto do quarto escuro e cochichando entre elles, e trocando signaes de intelligencia com a velha de cócoras ao pé do lume, que com um gesto lhes mostrava o doente e depois se punha outra vez a aquecer as mãos rugosas. Apoderava-se d'elle uma inquietação extrema. Queria saber quem era aquella gente e porque estava em casa d'elles; e cuidava que talvez se achasse perdido n'um coito de malfeitores, onde qualquer poder desconhecido o houvesse arrastado, sem lhe deixar liberdade para examinar o aspecto dos habitantes e de seu senhor. E o medo apoderava-se d'elle, emquanto nas trevas, a velha de cabeça branca e tremula, acocorada ao pé do lume, que se ia apagando, começava em voz baixa, uma longa historia. E com immenso terror via essa historia tomar vulto em sua frente; eram gestos, eram caras, tudo revia, desde os sonhos confusos de sua infancia até seus mais recentes pensamentos; e todas suas acções e leituras, tudo o que, desde havia muito, esquecêra; tudo se anima, assume apparencia, attinge vertiginosa altura e redemoinho em volta d'elle. Vê abrirem-se ante seus olhos jardins magicos e opulentos, nascerem e morrerem cidades inteiras, cemiterios enviarem-lhe todos os seus mortos ressuscitados, crescerem e decrescerem raças inteiras, em cada pensamento seu materialisava-se junto da sua cabeceira de doente, cada sonho nascendo tomava corpo, de forma que já não tinha idéas espirituaes, mas mundos phisicos e construcções tangiveis de idéas. E a si mesmo se via perdido, grão de areia n'esse extranho infinito universo de que não havia sair, e sentia que a vida lhe pesava com todo seu peso sobre sua independencia e o perseguia sem treguas com uma eterna ironia. E via-se morrer e desfazer-se, em pó, sem esperanças de ressurreição para a eternidade. E procurava para onde fugir, sem encontrar um canto onde esconder-se n'esse mundo abominavel. Emfim, espavorido com tantos horrores reuniu as forças, deu um grito e acordou...

(Continua).

Recebemos e agradecemos:

Meridional — *Brinde do Natal, 25 de dezembro, 1899 — Montemór-o-Novo.*

Este conceituado jornal, que já alcança ao n.º 444, estando no nono anno de publicação, offereceu aos seus assignantes um elegante numero e supplemento de 16 paginas, graciosamente collaborado, por occasião do ultimo natal e com artigos allusivos á grande festa christã. Entre elles distingue-se um bem sentido conto do sr. Simão de Sousa Laboreiro, que muito nos agradou. A par d'este nome vêem-se outros de boa cotação litteraria, taes como A. Pimenta Aguiar, José Guerra, rev. padre F. J. Patricio, Decio Carneiro, Gonçalves Dias, Rodrigues d'Andrade, Ernesto de Carvalho, Julio Martins, Antonio José Henriques, Albano Simões Ferreira, Luiz Leitão, Cypriano de Campos, Antonio Carvalhal, etc., que tornam o numero de variada e selecta collaboração.

Arminho — 1 *de janeiro,* 1900 — *por Candido de Figueiredo.*

N'uma nitida *plaquette* de 16 paginas fez imprimir e distribuir pelos seus amigos, em signal de boas festas, o sr. Candido de Figueiredo um sentidissimo conto illustrado, tendo por titulo *Arminho.*

A historia do *Arminho*, nome de um cão fiel e dedicado, como é apanagio dos da sua raça, offerece-nos, além de um delicado quadro de costumes, um interessante esboço de psychologia canina, e permitte ao auctor curiosas e eruditas considerações sobre a linguagem que em vulgar se conhece por ladrar, rosnar, uivar e ganir. E, alludindo ás differentes vozes dos animaes dá-nos este periodo replecto de termos linguisticos sobre o assumpto, que nos appressamos a registar:

«Emquanto o trinar do rouxinol, o rugido do leão, o trucillar do tordo, o rinchar do cavallo, o pissitar do estorninho, o grassitar do pato, o balar da ovêlha, o arensar do cisne, o pupillar do pavão, o gloterar da cegonha, o coaxar da ran, o trinfar da andorinha, o cucular do cuco, o mugir do boi, o fretenir da cigarra, o gruir do grou, o tinir da milheira, são pobres idiomas, talvez monosyllabicos, como o chinêz; o idioma da raça canina, embora não esteja ainda escripto, como nunca escreveram a sua lingua os tupis, corresponde certamente a um alphabeto mais numeroso do que o russo, e tem recursos para a expressão dos mais variados sentimentos e conceitos.»